



NORBERTO DE ARAÚJO, JORNALISTA E OLISIPÓGRAFO

Norberto Moreira de Araújo nasceu a 21 de Março de 1889, em Lisboa. Entrou como aprendiz na Imprensa Nacional (1904), mas a sua apetência para as Letras fez com que passasse a frequentar o Curso Superior. Em 1916, ingressou na redação de *O Mundo*, mudando-se, passado um ano, para *A Manhã*, de que chegou a ser coproprietário, iniciando, portanto, uma carreira fulgurante na imprensa, continuada noutros periódicos. A par da atividade como jornalista, Norberto de Araújo manteve, intermitentemente, a sua atividade literária, em 31 volumes publicados, que se repartiram pelos mais diversos campos, desde os livros técnicos sobre artes gráficas, até ao teatro e à poesia.

Às Quintas, Lisboa e o Sonho

Depois dos primeiros passos naqueles periódicos iniciáticos para a carreira de jornalista, exerceria esta profissão, sucessivamente, no *Diário de Notícias*, *Século da Noite* e *Diário de Lisboa*. Neste, esteve desde o primeiro dia até 25 de Novembro de 1952, dia da sua morte, em que era seu redator principal. Imprimiu uma escrita renovadora e versátil nas temáticas. Ficaram célebres as crónicas, "Páginas de Quinta-feira", dedicadas, maioritariamente, à cidade de Lisboa.

Iniciou esta rubrica do *Diário de Lisboa*, na edição de 7 de Janeiro 1932, cujo mote foi "Lisboa e o Sonho", começando por expressar: "As cidades têm os seus amantes, como as ideias. Os seus apaixonados" (7 de Janeiro de 1932). Ele era seguramente um deles. Acerca da cidade, alertou para a necessidade de "um cuidado extrema, quasi uma sensibilidade especial, para estremecer a cidade, ou particularmente as suas belezas e encantos, atavios e alindamente, sem as cair no culto do absoluto antigo ou do abandono moderno" (7 de Janeiro de 1932).

O papel da Câmara Municipal era importante para o jornalista. A mesma não devia ter "carácter político, ou pelo menos, não lhe deve ser atribuído. (...) O que importa é uma Câmara que trabalhe, que se inspire nas necessidades e exigências da cidade, que seja honrada, e que não tenha alçapões" (14 de Fevereiro de 1932). Designadamente, o caso dos bairros históricos e a modernização da cidade levaram-no a encetar uma campanha em defesa de Alfama, contra "o delírio da picareta" (12 de Maio de 1938), mas a favor da agulheta, da limpeza, extensiva "para as ruas da Baixa, para Alcântara, para o Casal Ventoso, para o bairro da Liberdade e para a avenida da Liberdade". Porque, designadamente, Alfama também precisaria de que "a conheçam os que falam sobre ela" (26 de Abril de 1934).

Alguns outros temas lisboetas foram seleccionados pelo jornalista nestas suas crónicas.

A Feira do Livro dever-se-ia repetir todos os anos, “para interesse direto dos livreiros, para propaganda do livro, para, pelo indireto processo da expulsão sedutora, animar o gosto público pelas letras, criar adeptos, habituar o cidadão a procurar leituras, que mesmo inferiores, sempre podem levar ao caminho direito da educação do Povo” (9 de Maio de 1932). As exposições de Arte na Sociedade Nacional, “das poucas coisas regulares, metódicas, ordenadas que o meio da arte e do espírito ainda conserva em Lisboa” (5 de Abril de 1934), o teatro e a música (22 de Dezembro de 1932), eram artes que mereciam o aplauso do jornalista, mas não tanto “o abuso do cubismo” na arquitetura (12 de Maio de 1938).

No largo conjunto de “comentários simples” às quintas-feiras, a sua pena cumpriu o objetivo inicial: “E aqui está uma ‘Página’ de um lisboeta, escrita com a certeza de que é inofensiva, agora, hoje, pelo menos, que tanto outro assunto me acudia ao bico da pena, tanto assunto que daria uma Página, vinte Páginas, um livro de filosofia” (7 de Janeiro de 1932).

Para além dela, Norberto de Araújo fez reportagens de notável projeção, como, por exemplo, duas viagens presidenciais, com António José de Almeida ao Brasil e com Óscar Carmona a Espanha. No ano de ouro da comemoração de Santa Teresinha, deslocou-se a Roma (1925). Assiste ao julgamento de Alves dos Reis e à burla ao Banco de Angola e Metrópole (1930), à visita da rainha D. Amélia ao Panteão de S. Vicente (1945) e, mais tarde, iniciou uma série documental intitulada “Como se trabalha em Lisboa?”.

Em homenagem aos redatores do *Diário de Lisboa*, nas bodas de prata do jornal, o diretor Joaquim Manso atribuiu a Norberto de Araújo as qualidades de “homem de caráter, de dignidade e de inteligência” (7 de Abril de 1946).

O Olisipógrafo que *legendou* Lisboa

Para além de jornalista, poeta e novelista, Norberto de Araújo foi também um estudioso da História de Lisboa. “Ligeiramente corcovado, de olhos azuis luminosos, mãos frementes, imaginação torrencial, autêntico poeta enamorado da alma de Lisboa”, nas palavras amigas de Pastor de Macedo, embrenhava-se por entre ruas e becos, atento a cada pormenor, quer se tratasse de um edifício notável, um bairro, um pátio, um chafariz, um arco ou uma simples porta, e engrandecia cada descrição com episódios de vida quotidiana, que apaixonavam o “dileto leitor”. Ao estilo de uma escrita sempre coloquial, noticiosa e de leitura fácil, que cultivou ao longo de uma intensa carreira jornalística, juntou, Norberto, um profundo conhecimento da sua cidade, que percorria de forma incansável. Escrevia sobre qualquer matéria, sempre de uma forma criteriosa, baseada no estudo das fontes. Dizia que “sem amor não era possível fazer do estudo dos documentos e da revisão dos tomos – uma obra de arte”. O exemplo vinha sobretudo do mestre Júlio de Castilho; a “arte e a criatividade literária” eram suas. Delas deixou testemunho em obras como: *Peregrinações em Lisboa*, que lhe valeram o Prémio Júlio de Castilho; *Inventário de Lisboa* (concluído por

D. Pires de Lima); *Legendas de Lisboa; e Casas da Câmara de Lisboa*, em coautoria com Luís Pastor de Macedo.

Juntamente com o engenheiro Augusto Vieira da Silva pugnou, desde 1934, por uma Olisipografia de pendor científico e académico, com a criação de uma cadeira de Estudos Olisiponenses na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Neste contexto, foi também um dos fundadores e o sócio nº 73 do Grupo Amigos de Lisboa, em 1936.

A dedicação que votou à capital mereceu-lhe, ainda, o convite para integrar a Comissão Executiva das Festas de Lisboa de 1935, com o propósito de organizar o Cortejo das Marchas Populares, na noite de Santo António. Foram da sua autoria, entre outras, as letras da Grande Marcha de 1935 (“Lá vai Lisboa”), celebrizada na voz de Amália Rodrigues; da Grande Marcha de 1940 (“Olha o manjerico”), ano em que coordenou a decoração das salas do Pavilhão de Lisboa, do arquiteto Luís Cristino da Silva, na Exposição do Mundo Português; e da Grande Marcha do Centenário, de 1947 (“Lisboa nasceu”).

Em Janeiro de 1956, dois anos depois da proposta de Gustavo de Matos Sequeira, o Município atribuiu-lhe um topónimo no Bairro de Alfama, que tantas vezes percorreu. Norberto de Araújo “habita” hoje o troço que medeia entre a Calçada de São João da Praça e o Largo das Portas do Sol.

Nos 60 Anos da Morte de Norberto de Araújo, evocamos o “poeta enamorado”, para quem “Lisboa era, toda ela, uma legenda”.

Jorge Mangorrinha e Elisabete Gama